



## **Vítor Ramalho**

**Secretário Geral da UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa**

**“Desejo ver publicado o livro de homenagem aos alunos da Casa dos Estudantes do Império”**

**É um verdadeiro conhecedor da realidade dos países de expressão portuguesa. Para além de Presidente de várias Associações Lusófonas, foi o co-organizador do 1.º Congresso dos Quadros Angolanos no Exterior, sendo também uma das 5 personalidades de Reconhecido Mérito do Conselho Económico e Social-CES. No seu importante percurso assinalamos os cargos de Secretário de Estado do Trabalho, Consultor da Casa Civil do Presidente da República, Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Economia, Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Portugal-Angola, Presidente da 11.ª Comissão da Assembleia da República e Presidente do Fórum dos Parlamentares de Língua Portuguesa. >**



► **Pode fazer à DIPLOMÁTICA um pequeno Flash-Back da sua vida?**

Nasci em Angola, mais propriamente numa terra perto do Huambo. Nessa terra que é muito pequenina e muito solidária, nasceram ou viveram lá muitas personalidades conhecidas, por exemplo, o Victor de Sá Machado, que foi presidente da Gulbenkian; o Raul Indipo; o António França, mais conhecido pelo Ndalú porque entretanto entrou na guerrilha com o Xipenda que foi jogador da Académica; toda a família Fonseca e Costa - José, o realizador de cinema, o seu irmão Tóna, treinador de atletismo, sua irmã encenadora e atriz Cucha Carvalheiro; a Ana Maria Vieira de Almeida; a Judite Correia, correctora da Bolsa; e esse Empresário que tem feito grandes investimentos em Portugal na Comunicação Social e não só: o António Mosquito que viveu sempre lá... Há uma série de pessoas conhecidas que pertencem a essa terra: Caala!

Eu sou de lá, nasci lá e estudei no Liceu do Huambo até ao antigo 7º ano, que hoje é o 12º. Vim para Portugal em 1965 para estudar Direito porque não havia Universidade em Angola. Terminei o curso e fiquei em Lisboa a exercer advocacia, também porque o regime da altura, durante um tempo, não me deixava regressar a Angola; Eu era um pouco rebelde na altura e fui dirigente associativo. Naquele tempo, na década de 60, quase todos nós os jovens, éramos um pouco incendiários. E eu não fugi à regra... Nestas andanças

fui sempre advogado aqui mas nunca deixei de estar ligado a África. Fui membro do Governo duas vezes de 1983 a 1985 - Sec. de Estado do Trabalho PS/PSD, depois Sec. de Estado da Economia com Guterres, de 1997 a 2000, e antes tinha sido durante 10 anos, de 1986 a 1996, assessor de Mário Soares quando foi Presidente da República, para além de ser Deputado durante muitos anos, de 2000 a 2008.

**Disse que nunca deixou de estar ligado a Angola. Pode falar-nos sobre isso?**

Por exemplo: em 1990, depois da queda do mundo bipolar, eu e mais quatro amigos organizámos o 1.º Congresso dos Quadros Angolanos no Exterior que

“*A UCCLA TENTA SER UMA MAIS VALIA IMPORTANTE PARA AS CAPITAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA*”

juntou na Feira das Indústrias mais de duas mil pessoas e onde estiveram representadas delegações fortes e ao mais alto nível do MPLA, da UNITA e da FNLA, das Igrejas Angolanas - Católica e Protestante - o próprio Cardeal Alexandre Nascimento, estando sempre presente o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola. Esse Congresso foi o pano de fundo para o **acordo de**

**Bicesse** pois o desenvolvimento deste importante acontecimento deu início ao acordo, mais tarde assinado por Durão Barroso. Como vê a minha ligação ao mundo lusófono, não é de agora como Secretário-Geral da UCCLA, é uma coisa muito antiga. **Fale-nos da UCCLA – União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa um pouco do seu passado e projectos futuros**

A UCCLA é uma instituição criada e impulsionada há 28 anos por um homem de grande visão, o Eng.º Nuno Cruz Abecasis, ex- Presidente da Câmara de Lisboa, que inclusivamente desenvolveu projectos e iniciativas para o futuro. Terá sido uma predecessora da CPLP.

Hoje são 40 cidades com referências históricas, de cujos trabalhos desenvolvidos poderei salientar: a recuperação do Palácio, Liceu e Escola de Timor Leste; na Cidade da Praia, em Cabo Verde, trabalhos que vão da área urbanística à educação e saúde; em São Tomé e Príncipe, o saneamento básico; o projecto Praia-Bissau que estamos a desenvolver com o abastecimento de água ao domicílio. A UCCLA tem técnicos excelentes que a Câmara fez deslocar desta instituição para a UCCLA para realizar projectos urbanísticos e de toponímia - placas de identificação das ruas, por exemplo. E também outro projecto a concluir na Guiné, dando incentivo empresarial e formação a 200 apicultores e criação de uma marca de mel; Nas diferentes candidaturas apresentadas ►

► à União Europeia. Resumindo, a UCCLA tenta ser uma mais valia importante para as cidades de Língua Portuguesa.

Nessa mais valia incluiu uma iniciativa de homenagem aos antigos associados da **Casa dos Estudantes do Império** - CEI, que existiu na cidade de Lisboa, entre 1943 e 1965 e que merecem reconhecimento, tais como Amílcar Cabral (Dirigente do PAIGC), Pedro Pires (ex-Presidente de Cabo Verde), Lúcio Lara (Comandante das FAPLA), Pepetela (Escritor Angolano), Manuel Pinto da Costa (Presidente de São Tomé), Joaquim Chissano (ex-Presidente de

“**GOSTARIA DE CONVIDAR TODOS OS EMBAIXADORES DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA A ABRAÇAREM ESTE PROJECTO**”

Moçambique), Francisco José Tenreiro (Poeta e intelectual de São Tomé e Príncipe), Alda Lara (Poetisa Angolana) e muitos outros.

**Como e porquê surgiu esse projecto-UCCLA de preservação da memória comum dos povos de língua portuguesa?**

Sucedeu que tive o privilégio de ter privado com personalidades de invulgar qualidade, entre os quais Mário de Andrade, Gentil Viana ou Joaquim Pinto de

Andrade que me falavam da CEI, dando-me conta da importância da Casa e desses jovens que ergueram a bandeira da auto-determinação e do direito dos povos à independência. Estava em marcha a descolonização dos povos africanos, que começou com o Gana, em 1957. A **Casa dos Estudantes do Império**, fundada pelo Estado Novo, era um espaço de convívio para os jovens provenientes dos territórios colonizados por Portugal. Os jovens provenientes de todos esses territórios ao levantar a bandeira, publicaram escritos inclusive de poesia que marcaram a identidade e dos territórios de que eram originários da Casa, tal como Amílcar Cabral grande dinamizador, pois podiam ser associados depois de licenciados, ou Agostinho Neto que mesmo durante a prisão recebia mensagens de Amílcar e da Associação próxima, “Os Marítimos”, Pedro Pires, também era outra personalidade, de referir o Manuel Lima, professor catedrático e historiador, que foi o primeiro comandante militar do MPLA, também esteve na Casa. Houve grandes poetas tais como a Alda Lara, branca de Angola, irmã de Ernesto Lara outro grande poeta... Alda com o poema “A mãe Preta” cantada por Paulo de Carvalho ou “O Testamento” poema cantada por Teresa Tarouca; Pepetela que marcou a literatura da língua portuguesa que lhe valeu o Prémio Camões. O próprio Romance “A Geração da Utopia”, um livro fantástico de aproximação entre os nossos povos, com a particularidade de reflectir

a luta comum entre os nossos povos. Tive sempre a ideia que jovens portugueses que também frequentavam a casa como João Cravinho ou Jorge Sampaio, tiveram um papel importante pois esta juventude estava irmanada nos mesmos objectivos, fossem Africanos, Timorenses, de Goa ou até Brasileiros!

Já me dirigi ao Presidente da República sobre este desígnio Nacional e gostaria de convidar todos os Embaixadores dos países de língua portuguesa a abraçarem este projecto, reeditando as obras e escrever sobre a Casa dos Estudantes do Império, numa visão de futuro. Não há futuro sem memória e é bom que os jovens repesquem esta memória.

Este mundo com uma visão economicista muito forte deve perceber que a economia é instrumento da política e não um fim dela. Hoje o que vemos é a subversão disto. Não temos razão para ter complexos. Há uma frase de Amílcar Cabral que dizia:” mais do que falarmos em português, todos nós pensamos em português!”. Ele fazia notar que não era o povo que oprimia, era o regime.

Os jovens têm que saber isso. **Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?**

Para finalizar gostaria de apelar a todos os que passaram pela **Casa dos Estudantes do Império** para que se dirijam ou à UCCLA ou escrevam ao seu Secretário-Geral, uma vez que é nosso desejo conseguir o máximo de informações para a homenagem a realizar. ■